



O DIÁRIO DA FOME

Vanessa Souza MIRANDA¹

RESUMO: Para algumas pessoas, o passar dos anos simboliza o avanço tecnológico, a quebra de conceitos antigos, o desenvolvimento de novos hábitos, novas personalidades, o vislumbre de um mundo novo, refinado e mais civilizado. Para outras, as mudanças obedecem outra ordem, sem alterar o produto. É isso o que vemos em *Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus, que nos possibilita ver o mundo sob o olhar não só de um excluído, mas de toda uma linhagem de descendentes. Publicado em 1960, a obra continua tão atual e vibrante como foi na época de seu lançamento, expondo uma realidade de miséria que acomete a muitos brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Marginalização. Despejo. Favela. Fome. Exclusão.

EL DIARIO DEL HAMBRE

RESUMEN: Para algunas personas, el paso de los años simboliza el avance tecnológico, la ruptura de viejos conceptos, el desarrollo de nuevos hábitos, nuevas personalidades, el vistazo de un mundo nuevo, refinado y más civilizado. Para algunas personas. Para otros, los cambios siguen otro orden, sin cambiar el producto. Es lo que vemos en *Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada*, de Carolina Maria de Jesus, que nos permite ver el mundo a través de los ojos no solo de un excluido, sino de toda una estirpe de descendientes. Publicada en 1960, la obra continua tan actual y vibrante como lo fue en el momento de su lanzamiento, exponiendo una realidad de miseria que afecta a muchos brasileños.

PALABRAS CLAVE: Marginación. Desalojo. Favela. Hambre. Exclusión.

[...] Já faz tanto tempo que estou no mundo que eu estou enjoando de viver. Também, com a fome que eu passo quem é que pode viver contente. (JESUS, 2014, p. 125)

¹ Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo, mestranda pelo Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP. Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de São Paulo. E-mail: <vanessa.sm@usp.br>.

A capacidade de narrar requer, além de ter habilidade, ter profundo conhecimento do que se quer relatar, ter experienciado, de alguma forma, o objeto da narrativa para apropriar-se dele de forma efetiva. *Quarto de Despejo* foi escrito em forma de diário, um gênero que possibilita à narradora, também protagonista, relatar de forma mais íntima e convincente, o seu cotidiano de mulher negra e excluída social e economicamente, valendo-se de uma proximidade maior com o leitor, característica dos diários. Seguindo-se a concepção de PAES², temos a história do “*pobre diabo*”, de quem o leitor irá “*compadecer-se*”, o que é, etimologicamente, padecer junto. Nossa heroína está em constante tensão com o mundo, desiludida, forçada a aceitar as imposições da sociedade, não tendo mais força para seguir os seus ideais, encontrando-se frustrada diante da sua submissão ao poder vigente e da negação de suas necessidades. Já no primeiro parágrafo, a narradora menciona que é aniversário da filha, Vera, mas não consegue realizar essa comemoração em forma de presente, pois “[...] *o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos.*” (JESUS, 2014, p. 11).

A própria personagem, Carolina, afirma que seu dilema é sempre comida (JESUS, 2014, p. 50) – a necessidade de alimento leva à degradação humana, fazendo dela um ser sem vontade, uma personagem em risco de dissolução. O diário narra um pouco mais de 4 anos e obedece a uma circularidade – o seu cotidiano é de luta contra a fome, uma atitude de autopreservação e de preservação dos filhos, muito embora haja momentos em que o cansaço desse cotidiano a compele a desistir.

Eu estava tão triste! Com vontade de suicidar. Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até morrer deve ser considerado herói. (JESUS, 2014, p. 102)

Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (JESUS, 2014, p. 174)

2 PAES, Paulo José. “O pobre diabo na literatura brasileira”. São Paulo: Novos Estudos, n. 20, p. 38-53, 1988.

Carolina tem consciência de sua posição social e de que vive em condição de humilhação, mesmo entre aqueles que seriam seus iguais. Afirma ser perseguida na favela por comunicar-se bem, atrair a atenção dos homens, não beber, gostar de ler e escrever, posicionar-se diante das brigas – que eram muitas – e ter a atitude de chamar a polícia quando achava necessário. Por destacar-se entre os demais, chegaram a atear fogo em seu barracão. E é justamente por isso que ficou instigada a escrever a sua história e os seus sentimentos. Sua obra tem constantes metalinguagens, em que ela reafirma a necessidade de tornar pública a sua vivência:

Vou escrever um livro referente à favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com essas cenas desagradáveis me fornece argumentos. (JESUS, 2014, p. 20)

Há momentos em que ela, inclusive, realiza digressão, chamando a participação do leitor para confirmar o que ela pensa como sendo o mais racional:

Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool. Se você achar que estou agindo acertadamente, peço-lhe para dizer:
– Muito bem, Carolina! (JESUS, 2014, p. 74)

Não se reconhece entre seus vizinhos leitores, considera-os “*projeto de gente humana*” (JESUS, 2014, p. 23), fofoqueiros, encenqueiros e sem moral, e incomoda-se com os impropérios que dizem em presença das crianças. A sua arma contra eles é o próprio livro, em que constantemente ameaça colocar o nome das pessoas que a aborrecem nele, trazendo humor para a obra. Tinha como desejo íntimo sair da favela.

Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 2014, p. 32)

É possível perceber nessa passagem que “Palácio” e “Prefeitura” são escritos com letras maiúsculas, conferindo a superioridade das instituições, ao passo que “favela” – espaço delegado aos excluídos – é escrito em letra minúscula, reiterando a sua inferioridade. Tinha consciência de que as pessoas da favela eram vistas como marginais e como bichos a fuçar o lixo. Como se não bastassem as dificuldades pelas quais ela passava, o próprio ambiente da favela a faz sentir-se “[...] *um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. [...] Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.*” (JESUS, 2014, p. 37).

Mãe solteira com três filhos, só recebe a pensão do pai da filha mais nova (o único que aparece na narrativa) por intermédio das autoridades, pois ele, mesmo em boas condições financeiras, pouco se importa com o bem-estar da filha, negando-se a auxiliar como deveria. Percebemos que o fato de os pais serem anônimos demonstra, também, as suas atuações insignificantes na vida dela e na dos filhos, tanto que o Dia dos Pais “[...] *é um dia sem graça.*” (JESUS, 2014, p. 108). Para sobreviver, Carolina precisa coletar itens de reciclagem pela cidade – o lixo dispensado pelos mais abastados. Com a venda desses objetos é que ela consegue garantir o alimento da família.

A protagonista demonstra o grande desgosto que ela sente por ser obrigada a se sujeitar a essa condição: “*Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: faz de conta que eu estou sonhando.*” (JESUS, 2014, p. 29). Para negá-la, transfere-a para o universo do sonho, do não palpável, para desmaterializar a realidade e continuar sobrevivendo. Não pode descansar porque é pobre. Não pode apreciar o consumo de bebida alcoólica porque o dinheiro é para o básico. Não era possível sair para divertir-se, dançar, pois a rotina para arranjar dinheiro a deixava exausta. Mais de uma vez é pedida em casamento, mas nega esse desejo por considerá-lo fora do seu alcance, seja por considerar-se muito madura, seja por saber que os homens não aceitam uma mulher que se dedique à escrita, ou mesmo por ver constantemente nos homens um objeto de decepção. Além do mais, não sentia necessidade



de ser casada, pois considera o casamento uma outra forma de escravidão. Para ela, só os filhos bastavam e eram o motivo de continuar lutando diariamente para viver.

Parece que eu vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade. (JESUS, 2014, p. 81)

Fiquei olhando a minha filha sorrir, porque eu já não sei sorrir. (JESUS, 2014, p. 102)

A mãe está sempre pensando que os filhos estão com fome. (JESUS, 2014, p. 116)

A comida é o bem mais precioso, é ela o sentido de tudo, o motivo pelo qual faz com que seja vista pelos filhos como uma boa mãe, e a faz sentir-se gente, sendo um sonho realizado, *“um espetáculo deslumbrante”* (JESUS, 2014, p. 49).

Antigamente era a macarronada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês feijão e arroz, nos abandona! Vocês que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. Quem não nos despresou foi o fubá. Mas as crianças não gostam de fubá. Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia. (JESUS, 2014, p. 43)

Sem acesso aos meios culturais, apenas em sonho ela consegue vislumbrar alguma sequência de imagens belas, ter algum deleite lúdico, tendo consciência de que, por ser pobre, essa era a única forma de vivenciar alguma fantasia: *“O povo brasileiro só é feliz quando está dormindo.”* (JESUS, 2014, p. 137).

RACISMO

O que eu revolto é contra a ganancia dos homens que espremem uns aos outros como se espremisse uma laranja. (JESUS, 2014, p. 46)

Quanto ao conceito de discriminação racial, a sua consciência nem sempre é lúcida, mas há momentos em que a identifica. Em seu relato do dia 13 de maio – dia em que consideramos a Abolição da Escravatura –, ela reflete sobre esta temática. Considera, de início, como algo passado, citando as prisões dos negros por serem “*bodes expiatórios*”, e que os brancos da atualidade eram “*mais cultos*”. Mas, paradoxalmente, sabe que o negro não é feliz e, ao final do relato do dia, constata: “*E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!*” (JESUS, 2014, p. 32)

Isso demonstra que ela possui consciência da condição vigente do negro, a despeito de todas as mudanças decorridas nesse espaço de tempo, mas não percebe que a sua condição atual é uma decorrência da continuidade da exploração de sua mão-de-obra, de seus corpos, num contexto capitalista – se antes era o europeu, hoje são seus descendentes brancos a continuar perpetuando o seu domínio nos espaços de poder e de enriquecimento, relegando aos descendentes de homens e mulheres que foram escravizados alguns espaços delimitados da cidade, como a favela e as periferias, e algumas funções, como as braçais ou no âmbito do cuidado, sempre em posição de subalternidade.

Em outro trecho, considera que há brancos que ignoram a extinção da escravatura, quando vê um guarda civil espancar um homem negro e amarrá-lo numa árvore. Não entende o porquê de os brancos serem superiores, visto que os atributos físicos são os mesmos, assim como estão suscetíveis às mesmas adversidades físicas. Porém, há momentos que reafirma a superioridade branca, “[...] *ela é branca. Tem direito de gastar mais.*” (JESUS, 2014, p. 122). Já para ela, os direitos lhes são negados, e não tem consciência do real motivo. Quando apresentava as suas peças de teatro a um diretor de circo, ele lamentou o fato dela não ser uma mulher branca, o que demonstra a percepção de aceitação do escrito, mas não da autoria negra. Mesmo assim, ela afirma adorar a sua cor de pele e, na possibilidade de haver

reencarnação, ela gostaria de voltar a ser negra, numa demonstração de orgulho e autovalorização, a despeito das condições adversas.

POLÍTICAS PÚBLICAS

A princípio, Carolina acredita nas instituições públicas e tem apreço e consideração por seus representantes, buscando-os como forma de solucionar os problemas. Porém, ao longo da obra, vai se decepcionando, tendo que atuar sozinha. O Serviço Social, que é o órgão que poderia ajudá-la, acaba por aumentar ainda mais o seu sofrimento por meio da burocracia e encaminhamentos sem fim. Quando reclama, é ameaçada de prisão.

Em conversa com um tenente sobre a educação dos filhos e sobre a vivência na favela, surpreende-se que ele, em posição superior à dela, tem consciência de que o local é mais propenso a delinquir do que instruir as crianças como cidadãos e, mesmo sabendo disso, não comunica “às autoridades”. Na visão da protagonista, essas “autoridades” não tomavam as medidas devidas por desconhecimento.

A sua aversão às coisas erradas não a faz poupar nem sequer o próprio filho. Quando o acusam de tentar violentar uma outra criança de 2 anos, toma a decisão de levá-lo para o Juizado a fim de interná-lo, mesmo que isso lhe causasse grande sofrimento. Porém, logo percebe que lá também não seria o local ideal para ele: a vizinha alerta que alguns meninos que haviam fugido da instituição estavam na favela; chama-os para ouvir suas histórias — relatam que passavam fome, frio, apanhavam constantemente e que o melhor lugar para um filho é junto da mãe. Acaba desistindo da internação. Lembra-se que, certa vez, ouvira de um juiz que as crianças só saem ladrões do abrigo, e tal afirmação a deixou horrorizada. Também se lembra da vez em que andou por uma rua de casas de prostituição e descobriu que as mulheres que lá estavam foram criadas em abrigos e não sabiam ler, nem conheciam qualquer outro ofício. A protagonista não entende por que as instituições não são capazes de formar



uma criança, mesmo que dirigidas por um juiz (que, na visão dela, seria alguém com capacidade plena de oferecer educação), se seria falta de interesse por elas ou se faltavam verbas do Estado.

Por outro lado, tem consciência do populismo e da politicagem praticados pelos políticos (que só aparecem amigáveis em época de eleições), dos projetos sociais e econômicos não praticados – enfim, das promessas não cumpridas. Quando ela está com fome, cita-os pelos nomes e sente vontade de vingar-se, em passagens que chegam a ser cômicas: *“Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos.”* (JESUS, 2014, p. 33).

Quando foi questionada pelo filho por comer coisas do lixo, sendo que havia dito que não faria isso, responde como justificativa que havia perdido a fé no Kubitschek e na democracia – que entende como política em geral. Considera a política fraca, pois não é capaz de resolver as necessidades do povo.

O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. (JESUS, 2014, p. 29)

Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores. (JESUS, 2014, p. 39)

O povo não sabe revoltar-se. Deviam ir no Palácio do Ibirapuera e na Assembleia e dar uma surra nestes políticos alinhavados que não sabem administrar o país. (JESUS, 2014, p. 129)

Carolina sabe que os problemas que ela enfrenta estão relacionados à má administração da verba pública, à falta de atuação em prol de melhorias sociais e econômicas – que não são capazes de frear o reajuste constante do preço dos alimentos e oferecer meios de auxílio aos menos favorecidos. Mesmo que veja os políticos atuando apenas em benefício



próprio, não deixa de considerá-los como superiores, visto que utiliza palavras mais requintadas para adjetivá-los – “açambarcadores” e “alinhavados”. Mais uma vez, a palavra escrita é a sua melhor arma:

Os políticos sabem que eu sou poetiza. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido. (JESUS, 2014, p. 39)

Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade. (JESUS, 2014, p. 108)

Diante da inanição do povo e da sua submissão, a nossa heroína vê no livro uma forma de denunciar a desigualdade, o descaso social, a realidade de miséria física e moral que vivenciam um povo marginalizado, malvisto, malquisto e, por isso, invisibilizado:

Tem pessoas que zombam dos que pedem.
Na fábrica de bolacha o homem disse que não ia dar mais bolacha. Mas as mulheres continuaram quietas. E a fila estava aumentando. Quando chegava alguém para comprar, ele explicava:
– O senhor desculpe o aspecto hediondo que este povo dá na porta da fábrica. Mas por infelicidade minha todos os sábados é este inferno.
Eu ficava impaciente porque queria ouvir o que o dono da fábrica dizia. E queria ouvir o que as mulheres dizia. Que dilema triste para quem presencia. As pobres querendo ganhar. E o rico não queria dar. Ele dá só os pedaços de bolacha. E elas saem contentes como se fossem a rainha Elizabethe da Inglaterra quando recebeu os treze milhões em joias que o presidente Kubstchek lhe enviou como presente de aniversário. (JESUS, 2014, p. 62)

LUZ SOBRE AS SOMBRAS

A noite está tepida. O céu está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido. (JESUS, 2014, p. 32)



Mesmo vivendo em um ambiente insólito e repleto de adversidades, Carolina consegue enxergar beleza nas coisas simples, e busca no ato de escrever o alívio de suas tensões e sofrimentos: “É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela.” (JESUS, 2014, p. 58).

O humor também é um traço presente na obra, seja nas descrições, seja nas digressões. No dia 16 de outubro, ela que gosta tanto de escrever, parece que se sente entediada com a narrativa, reportando apenas para os seus leitores:

Vocês já sabem que eu vou carregar água todos os dias. Agora eu vou modificar o início da narrativa diurna, isto é, o que ocorreu comigo durante o dia. (JESUS, 2014, p. 125)

Mesmo sofrendo com as maldades do mundo e em meio a tantas dificuldades, ela consegue reafirmar-se enquanto sujeito que sente e possui personalidade, que tem otimismo e alegria no início dos dias em que não está chovendo, em que é possível que ela execute o seu trabalho:

Eu sou muito alegre. Todas as manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço. (JESUS, 2014, p. 25)

Em outro momento, já não consegue se identificar como ave, sentindo inveja da vida delas, da liberdade que elas têm, pois ela mesma é escrava do meio social em que vive, da responsabilidade de cuidar dos filhos – que diz serem “a raiz do coração” (p.49). Sua alegria constantemente está associada a eles: quando consegue mais dinheiro e comida para dar, quando estão alegres, quando percebe que estão alfabetizados, e quando ouve de um deles que será “homem distinto”, com sonhos de viver em casa de alvenaria. Também lembra da mãe com ternura, afirmando ter sido uma pessoa boa, que formou o seu caráter, ensinando valores como a humildade e o humanitarismo. Também nutre dentro de si a fé nos dogmas



cristãos, a ponto de consolar os que estão desesperançados. A sua existência é efetiva e legitimada.

– Será que este povo é deste mundo?

Eu achei graça e respondi:

– Nós somos feios e mal vestidos, mas somos deste mundo. (JESUS, 2014, p. 145)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Cândido³, a partir da década de 30, houve uma mudança de perspectiva, em que surge a noção de subdesenvolvimento – se antes tínhamos o conceito de nação “nova”, ainda não realizada e com possibilidades de progresso, após esse período, temos a noção de país subdesenvolvido, que carrega a visão pessimista a respeito das instituições, em que não se vislumbra o progresso diante da pobreza, um dos grandes empecilhos para o desenvolvimento. A literatura regional destacou-se por se alimentar dessa realidade econômica para selecionar temas, assuntos e linguagem.

Entretanto, os meios culturais eram frequentados pelas elites, assim como os livros eram escritos por autores de classes sociais mais privilegiadas. Assim, a visão e a voz do negro e/ou pobre era através dos olhos de outra pessoa que nunca havia vivido esta realidade. Dadas as condições lamentáveis do nosso país, poucos eram os desfavorecidos que poderiam ou queriam dedicar-se à escrita. Dessa forma, o repórter Audálio Dantas fez um excelente achado quando encontrou, por acaso, na favela, aquela que poderia escrever de fato e com propriedade o que acontece com os marginalizados pela sociedade.

A obra tornou-se um *best-seller* e teve sucesso de público, o que não quer dizer que Carolina Maria de Jesus foi aceita como escritora – o mérito ficou mais para o repórter. O seu jeito simples, a sua falta de conhecimentos refinados, o seu falar e expressar característico das

3 CANDIDO, Antonio. “Literatura e Subdesenvolvimento”. *Educação pela Noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.



pessoas de pouco estudo impediram que ela fosse aceita como escritora, sendo exibida – e fotografada – como objeto exótico, reiterando a exclusão da autora. Após o sucesso do livro, Jesus tenta publicar outras obras, porém não obtém sucesso, nem o apoio do repórter.

Como advento da Ditadura Militar no Brasil, a autora foi deixada de lado, assim como todas as obras que apresentavam algum tipo de subversão. Apenas no ano de 2014, em que se comemorou o Centenário de Carolina Maria de Jesus, é que foi recuperado o interesse por suas obras – principalmente entre a militância do Movimento Negro. Também com a criação de leis de incentivo e difusão de História e Cultura Afro-brasileiras é que foi possível a republicação de algumas de suas obras. Ainda assim, elas são vistas mais do ponto de vista da Sociologia e da Antropologia, e atreladas à vida pessoal da autora do que consideradas como aparato literário. Até mesmo o exotismo inicial é recuperado em análises contemporâneas. Jesus foi uma escritora que, a despeito do pouco acesso ao estudo, foi autodidata, sabia o que era uma obra literária, usava linguagem poética, metáfora, alegorias, digressões, entre outros recursos literários. Soube fazer recortes significativos em sua narrativa, contar como ninguém as mazelas do povo pobre favelado, prender a atenção do leitor ao ler suas histórias. Enfim, não há justificativas para mantê-la no quarto de despejo – é preciso valorizá-la como escritora brasileira.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Luiz Mauricio. *Ensaio sobre a Literatura Negra*. Porto Alegre: Sulina, 2021.

CANDIDO, Antonio. “A personagem do romance”. In: CANDIDO, Antonio, et al. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CANDIDO, Antonio. “Literatura e Subdesenvolvimento”. In: *Educação pela Noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.



CAVALCANTE, Rebeka Lima. “A Perspectiva de Estado no Livro Quarto de Despejo”. In: Encontro Nacional de Antropologia do Direito, 5., 2017, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2017. p. 1-12. Disponível em: <http://www.enadir2017.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic2?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNDoiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUlFVSVZPljtzOjM6IjEyMSI7fSI7czoxOiJoljtzOjMyOiI2NDkzYmMyNzU2MDI4ZTRjYmQzYTRIYjQ2OTU3NjA0MyI7fQ%3D%3D>.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1993.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Ática, 2014, 125p.

LIMA, Osmar da Silva. “Carolina Maria de Jesus e sua obra-prima Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. In: *Revista Via Litterae*. Anápolis, v. 6, n. 2, jul./dez. 2014, p. 303-314. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/article/view/3544>.

PAES, Paulo José. “O pobre diabo na literatura brasileira”. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 20, 1988, p. 38-53.

SANTOS, Gustavo Alvarenga Oliveira. “Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus: testemunho de uma existência condenada”. In: *Pragmatizes – Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*. Ano 8, n. 14, out. 2017 a mar. 2018, p. 77-89. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10519>

Envio: Setembro de 2021.
Aceito: Dezembro 2021.